



A democracia brasileira entre ratos e vampiros: relendo Lygia Fagundes Telles

Brazilian democracy among rats and vampires:
rereading Lygia Fagundes Telles

La democracia brasileira entre ratones y vampiros:
releyendo Lygia Fagundes Telles

Émile Cardoso Andrade*

Resumo

A atualidade de Lygia Fagundes Telles se distingue ao longo de sua produção literária, dadas as aproximações de seu texto com o debate político suscitado pelo atual contexto do país. As questões presentes na obra da escritora paulista ganham contornos contemporâneos nítidos na iminente demolição da democracia brasileira, ameaçada pelas tramas e pelos contínuos golpes urdidos pela elite política nacional. Esse artigo pretende articular o conto “Seminário dos ratos”, publicado pela primeira vez em 1977, às narrativas e imagens que assolam nossa vivência política do presente, remontando a tradição das histórias de vampiro, outra figura que retorna com força no momento que vivemos.

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles, ratos, vampiros, democracia brasileira, golpe.

Abstract

The topicality of Lygia Fagundes Telles distinguishes itself throughout her literary production, given the approximations of her text with the political debate raised by the current context of the country. The issues present in the work of the writer from São Paulo gain clear contemporary contours in the imminent demolition of Brazilian democracy, threatened by the plots and the continuous coups warped by the national political elite. This article intends to couple the short-story “Seminário dos ratos”, published for the first time in 1977, with the narratives and images that plague our political experience of the present, reassembling the tradition of vampire stories, another figure that has strongly reappeared in this moment we live in.

Keywords: Lygia Fagundes Telles, rats, vampires, Brazilian democracy, coup.

Resumen

El tratamiento de la actualidad en Lygia Fagundes Telles es evidente a largo de su producción literaria, dada las aproximaciones de su texto con el debate político suscitado por el contexto actual del país. Las cuestiones presentes en la obra de la escritora brasileira ganan nítidos contornos contemporâneos en la eminente demolição de la democracia brasileira, amenazada por las tramas y por los continuos golpes articulados por la élite política nacional. Este artículo intenta articular el cuento “Seminário dos ratos”, publicado por primera vez en 1977, a las narrativas e imágenes que malogran nuestra vivencia política del presente, remontándose a la tradición de las historias de vampiros, otra figura que ha vuelto con fuerza en el momento actual.

Palabras clave: Lygia Fagundes Telles, ratones, vampiros, democracia brasileira, golpe.

“Tu acha que eu sou um rato?”

Jéssica, no filme *Que horas ela volta?*

O valor de uma obra literária pode estar naquilo que ela talvez nunca tenha imaginado suscitar, e, de repente, diante de cenário diverso e em tempos outros, se faça ouvir com renovada

* Doutora em literatura e professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás, GO, Brasil. [Orcid.org/0000-0001-5766-4703](https://orcid.org/0000-0001-5766-4703). E-mail: emilecardoso@yahoo.com.br

força e novo fôlego. É assim que parece se apresentar a obra de Lygia Fagundes Telles, escritora paulista cuja presença hoje se perfaz pela notoriedade do conjunto de suas narrativas, construídas a partir de um cuidadoso procedimento discursivo que transita entre o dito e não-dito, entre o oculto e o revelado. A sensibilidade do estilo produz efeitos merecedores de atenção: a descrição aparentemente descompromissada, a ironia sutil, a meticulosa urdidura de estranhos acontecimentos, são características reconhecíveis de suas histórias. Nelas, também estão projetadas – a despeito de intencionalidade – experiências que abarcam e compreendem contextos para além daqueles os quais concretamente se referem, numa espécie de atualização da obra e – consequentemente – do universo que está refletido nela.

Oriunda de família economicamente privilegiada, a escritora usa desse conhecimento do mundo burguês para traçar o perfil dos valores dessa classe, com a cautela que essa tarefa exige:

Impõe acentuar a essa altura, que suas ficções, sem serem jamais moralistas, têm sempre uma dimensão ética. Não prescrevem normas de conduta: alinham-se tão só por um código de valores. Em nenhum caso é-lhes preciso explicitar o alinhamento, que decorre da própria perspectiva por que a ação dramática é nelas vista (Paes, 1998, p. 74).

É o caso do conto que ora nos desperta: “Seminário dos ratos”, publicado em 1977 em coletânea de contos homônima. Nessa narrativa não encontramos lições moralizantes expressas, porém a força da ação dramática revela o propósito oculto, qual seja descrever as formas sub-reptícias de poder em regimes de declarada desigualdade social, isto é, a fragilidade do sistema democrático cada vez mais distante e menos representativo de sua comunidade.

O conto foi publicado pela primeira vez em um momento de crise da sociedade brasileira. O milagre econômico do início dos anos 70 – que sustentou ideologicamente a ditadura militar até ali – dava sinais de exaustão. O endividamento do Estado provocou o aumento vertiginoso da inflação e do custo de vida, e a crise do governo militar ainda se estenderia até 1985. Enfim, por detrás da ideia de uma “abertura lenta e gradual”, Ernesto Geisel, os militares e a elite política brasileira já se organizavam em conchavos e conspirações a fim de uma “democratização” que privilegiasse seus interesses e assegurasse o lugar da elite nessa suposta nova ordem social. Nesse contexto se origina o conto de Lygia que ora investigamos. A narrativa trata dessa articulação ideológica; sobre como as organizações governamentais mantêm as estruturas de poder em nome do favorecimento e do enriquecimento de uma classe conservadora, cujo sustento advém da negação dos direitos dos menos favorecidos, da classe trabalhadora, da periferia.

É digno de atenção a semelhança da descrição acima com o momento político que vivemos hoje. Embora o conto da escritora paulista faça referência direta ao seu contexto, é intuito desta análise traçar aproximações entre o texto e a nova crise da democracia estabelecida após o golpe de 2016. A partir das imagens criadas e da ação dramática expostas na trama, propomos uma atualização da questão política recorrendo à figura dos ratos – presente no texto – e sua proximidade com a figura do vampiro, outra representação literária que retorna nos debates atuais.

A estrutura narrativa de “Seminário dos ratos” se configura de acordo com algumas características estilísticas que já fazem parte do repertório discursivo da autora. O modo como a metáfora dos ratos se apresenta e se rearranja dentro da trama é o ponto para onde convergem todos os acontecimentos que engendram o clímax do conto. José Paulo Paes observa a precisão do uso que Lygia Fagundes faz dessa figura de linguagem:

É admirável a naturalidade com que a arte de Lygia Fagundes Telles costuma recorrer aos poderes de condensação da metáfora e do símbolo. Não os vai buscar fora das situações narrativas, mas agencia-os dentro delas mesmas, nalgum objeto ocasional que passa a ser uma corporificação *ad hoc* ou um correlato objetivo delas. Não se trata, pois, de adornos de linguagem, mas de imagens em abismo ou sínteses miniaturais das linhas de força da ação dramática, cujos significados vem ampliar com um leque de conotações (Paes, 1998, p. 75).

Sob a égide de um narrador pouco afeito a mesuras vocabulares, a prosa enxuta da autora de *As meninas* permite desenvolver a trama através do trajeto percorrido pelas personagens e suas falas num cenário cuja transformação é o ponto chave para o acontecimento.

Autoridades políticas se reúnem numa casa de campo para realizar um seminário com o objetivo de buscar soluções para uma praga de ratos que assola toda a região. São convidados para esse evento autoridades especialistas no assunto, coordenados pelo Secretário do Bem-Estar Público e Privado que representa o Presidente. O conto se estrutura numa primeira parte, na qual este Secretário – recluso em seu gabinete por conta de um ataque de gota – pede informações sobre o andamento do encontro ao seu subordinado, o Chefe das Relações Públicas. O diálogo é interrompido por um barulho intenso, que provoca a saída do Relações Públicas para verificar a causa. Neste segundo momento, a personagem é interpelada pelos outros convidados nos corredores, também ansiosos com o forte ruído. Depois de tranquilizá-los, encontra o Cozinheiro-Chefe em estado de perplexidade ao presenciar um ataque de ratos à cozinha. O conto termina após a descrição da destruição completa dos cômodos da casa de campo pelos bichos, que roeram dos fios de telefone aos motores dos automóveis. Após a debandada geral dos empregados e das autoridades, restou apenas o Chefe das Relações Públicas, escondido dentro da geladeira. Em seu depoimento ao inquérito de apuração dos fatos, a personagem, traumatizada com o acontecimento, lembra-se apenas de ter ouvido murmúrios vindos da sala de debates, “e teve a intuição de que estavam todos reunidos ali, de portas fechadas” (Telles, 1998, p. 165) e do casarão iluminado quando saiu correndo pelo campo.

Os elementos que compõem a ação dramática deste conto são estruturados pelo narrador de forma a garantir um efeito irônico diante das personagens que representam as autoridades, todas referidas pelo cargo que ocupam, escrito sempre com iniciais maiúsculas. Há uma fingida trivialidade na descrição do cenário e dos atores da trama, traço que se conjuga ao escárnio com que a narrativa trata o grupo político em questão. O caráter risível é primeiramente indicado pela forma como essas personagens são reiteradas vezes marcadas pelo signo do conforto, do luxo e de uma suposta “sofisticação”. Assim, o Secretário do Bem-Estar Público e Privado senta-se numa poltrona de couro e estende numa almofada o pé doente de gota, calçado num “grosso chinelo de lã com debrum de pelúcia” (Telles, 1998, p. 153). O Chefe das Relações Públicas caminha pelos corredores atapetados quando encontra o Diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas “que vinha com seu chambre de veludo verde” (Telles, 1998, p. 162). Também alvo de deboche do narrador, a secretária da autoridade americana convidada para o evento – o Delegado de Massachusetts – é descrita como “uma carinha louramente risonha”, com os cabelos “presos no alto por um laçarote de bolinhas amarelas” (Telles, 1998, p. 161).

Além do trato irônico do narrador ao referir-se às autoridades, as falas do Secretário do Bem-Estar Público e Privado são reveladoras da posição política presente no conto. Esta personagem faz referência concreta ao contexto da ditadura militar ao se vangloriar de sua participação efetiva nos regimes de exceção vividos no Brasil: “Quando fiz a Revolução de 32 e depois, no Golpe de 64, era sempre o primeiro do grupo a pressentir qualquer anormalidade” (Telles, 1998, p. 159). A ironia fina do texto de Lygia se entrevê logo depois dessa fala, quando o Relações Públicas “teve um olhar de suspeita para a estatueta de bronze em cima da lareira, uma opulenta mulher de olhos vendados, empunhando a espada e a balança” (Telles, 1998, p. 159). O narrador está afirmando aí a posição desconfortável daqueles sujeitos diante da justiça, como se deixasse clara a posição contrária desses diante do que verdadeiramente deveria ser feito pela comunidade.

Efeito semelhante ocorre quando o Secretário do Bem-Estar Público e Privado revela a doença que aflige seu pé: a gota. Num gesto de automatismo psíquico, o Chefe das Relações Públicas cantarola a canção “Gota d’água” de Chico Buarque sugerindo inconscientemente ao leitor – este, sim, atento à ironia – que uma situação-limite está prestes a se realizar.

A revolução da ação dramática fica por conta dos ratos. A descrição do horror é feita pelo Cozinheiro-Chefe, que se nega a obedecer aos comandos do Relações Públicas e, antes de abandonar o lugar, revela detalhes sobre a marcha dos roedores:

– Eu já estava ouvindo faz um tempinho aquele barulho, me representou um veio d’água correndo forte debaixo do chão, depois martelou, assobiou, a Euclídea que estava batendo

maionese pensou que fosse um fantasma quando começou aquela tremedeira e na mesma hora entrou aquilo tudo pela janela, pela porta, não teve lugar que a gente olhasse que não desse com um monte deles guinchando! E cada ratão, viu? Deste tamanho! A Euclídea pulou em cima do fogão, eu pulei em cima da mesa, ainda quis arrancar uma galinha que um deles ia levando assim no meu nariz, taquei o vidro de suco de tomate com toda força e ele botou a galinha de lado, ficou de pé na pata traseira e me enfrentou feito um homem. Pela alma de minha mãe, doutor, me representou um homem vestido de rato! (Telles, 1998, p. 163)

Essa última imagem descrita remonta a outro texto cujo tema é, mais uma vez, as sórdidas relações de poder que as desigualdades sociais podem engendrar. Em *A revolução dos bichos*, George Orwell constrói uma fábula em que o terror do totalitarismo se presentifica na imagem do porco Garganta e seus camaradas suínos – detentores do poder administrativo da granja – quando começam a andar sobre as duas patas traseiras:

Arrepiados os animais estacaram. Era a voz de Quitéria. Ela relinchou outra vez, e os bichos dispararam a galope para o pátio. Viram, então, o que ela havia visto. Um porco caminhava sobre as duas patas traseiras. Sim, era Garganta. Um tanto desajeitado, devido à falta de prática em manter seu apreciável volume naquela posição, mas em perfeito equilíbrio, passeava pelo pátio. Momentos depois saiu pela porta da casa uma comprida coluna de porcos, todos caminhando sobre as patas de trás (Orwell, 2001, p. 110).

Uma profusão de ratos aos guinchos é ainda uma imagem utilizada para figurar a rapinagem, a sordidez da exploração do homem pelo homem e a engrenagem perversa das relações de mercado no sistema capitalista. Em 1935 Dyonelio Machado publicou *Os ratos*, romance de fôlego em cujo arco temporal de vinte e quatro horas um protagonista percorre a cidade na tentativa de obter o dinheiro necessário para saldar a dívida que tem com o leiteiro. Ao conseguir, enfim, a quantia, Naziazeno volta para casa em tal condição de exaustão física e psicológica, que entra em clima paranoico causado pelo cansaço e pela insônia, o que o leva à alucinação de que ratos estariam devorando o dinheiro que conseguira para o leite:

Os ratos estão roendo, roendo, perto dali, no canto do soalho... Talvez seja a própria tábua do soalho que eles estão roendo... Estuda bem a “questão”: se os ratos roem dinheiro... Vê os ninhos, os papéis picados, miudinhos, picadinhos, uma moinha... uma poeira... Sente um pavor e um frio amargo dentro de si! Aquela nota verde, gordurosa, graxenta, está sendo roída... roída... roída... Esse fato está se passando agora... É contemporâneo dele!... Os ratos estão roendo ali na cozinha... na mesa... são dois... são três... andam daqui pra lá... giram... dançam... infatigáveis... afanosos... infatigáveis... (Machado, 2004, p. 139).

A alteração do estado mental de Naziazeno é o ponto para o qual caminha todo o romance do escritor modernista gaúcho, tendo o delírio com a imagem dos ratos a força de encerrar a trajetória iníqua da personagem, assim como a tomada do seminário pelos ratos é a imagem final do conto de Lygia Fagundes Telles. Nesta cena, revela-se a troca de lugares simbólicos para o qual o texto converge em sua totalidade. Essa mudança de posições é marcada igualmente pelo discurso do Secretário do Bem-Estar Público e Privado, o qual parece confundir o problema dos ratos com as demandas do povo, ampliando e desordenando a metáfora:

- O povo, o povo – disse o Secretário do Bem-Estar Público, entrelaçando as mãos. A voz ficou um brando queixume. – Só se fala em povo e no entanto o povo não passa de uma abstração.
- Abstração, Excelência?
- Que se transforma em realidade quando os ratos começam a expulsar os favelados de suas casas. Ou a roer os pés das crianças da periferia, então, sim, o povo passa a existir nas manchetes da imprensa de esquerda. Da imprensa marrom. Enfim, pura demagogia. Aliadas às bombas dos subversivos, não esquecer esses bastardos que parecem ratos – suspirou o Secretário, percorrendo languidamente os botões do colete (Telles, 1998, p. 160).

A ironia da metáfora é mais uma vez estratégia discursiva que permite a troca de lugares nos sistemas de significação; por exemplo, na passagem das imagens que traduzem maciez, conforto e sofisticação (veludos, tapetes, almofadas) ao “chão enovelado” agora coberto de ratos:

Com o olhar silencioso foi acompanhando o chinelo de debrum de pelúcia que passou a alguns passos do avental embolado no tapete: o chinelo deslizava, a sola voltada pra cima, rápido como se tivesse rodinhas ou fosse puxado por algum fio invisível (Telles, 1998, p. 164-165).

No conto, essa mudança é realizada pelo narrador e sentida pelo leitor, que ao final encontra o verdadeiro resultado da metáfora proposta na ação dramática: existem os ratos que ficam, e passam a andar em duas patas; e os ratos que fogem, por já não terem o quê e de onde sugar/roubar. Enquanto aqueles são descritos a partir de estranha antropomorfização, estes não necessitam da transformação física para serem reconhecidos como agentes roedores da exploração e da covardia.

Assim como se processam as ideologias da elite política que articula regimes de poder autoritários e excludentes, o conto de Lygia desmascara a posição covarde dos representantes políticos que se sustentam dentro de instituições que pouco ou nada fazem de efetivo àqueles que deveriam, de fato, representar.

Os ratos que, enfim, promovem o seminário são da mesma categoria dos referidos por Drummond na epígrafe do conto: demonstram potencial para a reflexão sobre os acontecimentos ao mesmo tempo em que trabalham sob a insígnia da destruição. O seminário dos ratos é narrado com deferência, com respeito até. Já a debandada das autoridades, narrada com escárnio, se aproxima mais da imagem proverbial que exorta: os ratos serão os primeiros a abandonar o barco.

A definição de Terry Eagleton para o termo clássico “ideologia” esclarece a estratégia discursiva forjada pela elite política que Lygia escancara na trama:

Refere-se mais precisamente ao processo pelo qual os interesses e certo tipo são mascarados, racionalizados, naturalizados, universalizados, legitimados em nome de certas formas de poder político, e há muito a perder politicamente quando estas estratégias discursivas vitais são dissolvidas em alguma categoria indiferenciada e amorfa de “interesses” (Eagleton, 1997, p. 178).

Ao fim e ao cabo, os verdadeiros ratos são aqueles que roem as possibilidades de ação política concreta, minando a participação de propositores de transformação social através de discursos ideológicos em que a valorização do mercado e do capital financeiro são a força sub-reptícia que usurpa qualquer chance de princípio democrático. Sobre essas artimanhas ideológicas dos donos do poder, a elite endinheirada que de fato manda no país, Jessé Souza alerta que:

O Brasil não simplesmente abandonou os escravos e seus descendentes à miséria. Os brasileiros das classes superiores cevaram a miséria e a construíram ativamente. Construiu-se uma classe de humilhados para assim explorá-los por pouco a para construir uma distinção meritocrática covarde contra quem nunca teve igualdade do ponto de partida. Não se entende a miséria permanente e secular de nossos excluídos sociais sem esse ativismo social e político covarde e perverso de nossas classes “superiores” (Souza, 2017, p. 170).

Esse excerto conduz-nos à próxima reflexão, qual seja a tentativa de atualizar a leitura de “Seminário dos ratos” em sua profundidade política que conversa, sem dúvida, com o contexto do golpe de 2016 e suas consequências, quando aproximamos os ratos da imagem do vampiro, transculturada e ressignificada pelo contexto político contemporâneo.

No Brasil, o ano de 2016 registrou o início do retrocesso quanto à permanência dos avanços político-sociais implementados pelo governo Lula desde 2003, e continuados pela então presidente da República eleita pelo voto popular Dilma Rousseff, destituída de seu cargo a partir de um *impeachment* inconstitucional. Desde então, o governo que se estabelece ilegitimamente – sob a liderança de Michel Temer – passa a pôr em prática, de modo instantâneo, uma série de medidas restritivas no que tange aos direitos e às políticas públicas conquistadas até então. O cientista político Luis Felipe Miguel compreende este contexto

apontando-o como um processo de *desdemocratização*, o oposto daquilo que se conhece como democracia: um sistema de governo que tem o intuito de potencializar a influência popular sobre as decisões políticas:

O golpe de maio e agosto de 2016 causou espanto em muitos analistas da política brasileira, que acreditavam que a democracia inaugurada com a Constituição de 1988 estava em franco processo de “consolidação”, mas viram que as instituições que deveriam protegê-la não o fizeram e, em vez disso, colaboraram ativamente para a sua derrocada (Miguel, 2018, p. 7).

A frase que nos serve de epígrafe é uma fala da personagem Jéssica do filme *Que horas ela volta?* de Anna Muylaert (2015). Garantindo razoável repercussão nacional, a trama tem como ponto nevrálgico uma situação improvável antes das conquistas sociais dos governos Lula/Dilma. O longa retrata as complexas relações entre a elite endinheirada e a classe menos privilegiada que historicamente lhe serviu, como afirmou Jessé Souza em excerto acima. Porém a novidade da situação exposta no filme é que a filha da empregada conquista o direito de cursar a elitizada graduação em arquitetura na também elitizada Universidade de São Paulo (USP). A postura de Jéssica – a garota autônoma que se recusa a participar do processo de servidão voluntária (Chauí, 2014) ao qual sua mãe se prendeu – é considerada inaceitável pela classe “superior”, que em determinado momento da trama a compara a um rato.

A pergunta que Jéssica faz a Fabinho, o filho dos patrões de sua mãe, revela a consciência de sua ação na trama e, tal qual a metáfora expandida do conto de Lygia Fagundes Telles, é mais provável que a imagem do roedor esteja mais associada à classe que covardemente se recusa a compartilhar suas piscinas.

Ratos e vampiros são seres simbolicamente aproximados, quer seja na perspectiva de seus espaços de existência – o submundo, o escuro dos esconderijos – quer seja naquilo que representam em termos de ação funesta e catástrofe. O vampiro e o rato se associam ao verbete “ladrão” no *Dicionário analógico da língua portuguesa* de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (2010, p. 371): enquanto o primeiro extrai a energia vital, o segundo subtrai às escondidas. Ambos trazem consigo a insígnia da doença, do furtivo, da espoliação.

O vampiro é uma representação mitológica oriunda dos Bálcãs e da Europa Oriental, que tomou sua forma mais moderna em 1897 com o sucesso de *Drácula* do escritor irlandês Bram Stoker. A personagem é um abastado conde que precisa sugar o sangue de outros animais para se manter. No episódio em que narra sua chegada a Londres, o personagem Renfield – um doente psiquiátrico vampirizado pelo monstro a quem chama de Mestre – descreve seu poder junto aos ratos:

– Então ele começou a sussurrar: “Ratos, ratos, ratos! Centenas, milhares, milhões deles, e cada um é uma vida, e cães para devorar e gatos também. Todos são vidas! Todos com sangue vermelho e quente” [...]. Convocou-me para ir até a janela. Levantei-me e olhei para fora, e ele ergueu as mãos, parecendo chamar sem precisar de palavras. Vi uma enorme massa negra se espalhar pela relva e avançar lentamente, com a forma de uma labareda. Ele deslocou a névoa para a direita e para a esquerda, permitindo-me avistar a presença de milhares de ratos, com olhos vermelhos e brilhantes... (Stoker, 2003, p. 273).

Essa imagem serviu de referência à maioria das narrativas de vampiro que se seguiram. No cinema, onde o mito se proliferou, os ratos acompanham desde as narrativas que não são adaptadas de Bram Stoker – como *Entrevista com o vampiro* (1994), filme de Neil Jordan com roteiro a partir do romance de Anne Rice (1976) – até as adaptações já consideradas clássicas, como a de W. F. Murnau (1922) e a de Francis Ford Copolla (1992). Na Figura 1, pode-se ver um frame da cena de *Nosferatu* dirigida por Werner Herzog em 1979, em homenagem à obra expressionista de Murnau.

As seqüências nas quais Herzog filma a infestação de ratos trazida pelo vampiro associam-se às imagens construídas por Lygia Fagundes em “Seminário dos ratos”. Essa associação se expande para a metáfora que anda movimentando o imaginário social do Brasil em crise desde que o processo democrático foi vilipendiado pelo golpe de 2016.



Figura 1 - Os ratos de *Nosferatu*. Fonte: Herzog (1979).

Em certo momento do diálogo entre o Chefe das Relações Públicas e o Secretário do Bem-Estar Público e Privado, há uma desconfiança por parte do primeiro acerca da qualidade do vinho brasileiro que seria servido no banquete das autoridades:

- Quase sete horas, Excelência! O jantar será servido às oito, a mesa decorada só com orquídeas e frutas. A mais fina cor local, encomendei do norte abacaxis belíssimos! E as lagostas então? O Cozinheiro-Chefe ficou entusiasmado, nunca viu lagostas tão grandes. Bueno, eu tinha pensado num vinho nacional que anda de primeiríssima qualidade, diga-se de passagem, mas me veio um certo receio: e se der alguma dor de cabeça? Por um desses azares, Vossa Excelência já imaginou? Então achei prudente encomendar vinho chileno.

- De que safra?

- De Pinochet, naturalmente (Telles, 1998, p. 160-161).

O episódio ficcional aqui reproduzido na citação antecipa uma situação análoga vivida em agosto de 2017, em meio à crise criada pelas investigações da Polícia Federal sobre irregularidades em frigoríficos nacionais. Para demonstrar apoio à carne brasileira, Michel Temer convida embaixadores, ministros e secretários para um churrasco num restaurante que “só trabalha com corte europeu, australiano e uruguaio”; “Pode vir tranquilo que a gente mostra a câmara fria e o açougue”, teria garantido o funcionário da *Steak Bull* (Vexame, 2017). A polêmica se estendeu e o governo teve de lançar nota afirmando que, naquele jantar, a carne era nacional. Contudo, fotos (Figura 2) deste evento causaram impacto ainda maior e as associações com o universo dos filmes de terror se proliferaram pelas redes sociais.¹ Em outros momentos de exposição pública, Michel Temer foi reiteradas vezes comparado às figuras de Bram Stoker em suas mais variadas adaptações.² Tal qual o vinho brasileiro que foi trocado pela safra Pinochet – outro deboche de Lygia Fagundes – a carne brasileira sob investigação pode não ter sido servida às autoridades; mas a força simbólica da imagem confirma que não estamos vivendo os melhores momentos de nossa democracia.

Por fim, as associações entre o texto de Lygia e as imagens recentes da fragilidade da democracia brasileira atingem seu ponto máximo na repercussão de uma alegoria da escola de samba Paraíso da Tuiuti, cujo desfile no carnaval do Rio de Janeiro em 2018 causou reações e gerou análises políticas poucas vezes vistas num evento desta natureza. Sob o samba enredo “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?”, a escola provocou debates ao expor no sambódromo um carro alegórico com uma gigantesca carteira de trabalho rasgada – referência às

¹ Exemplo destas reações é a reunião de memes feita pela página de humor *Sensacionalista*, disponível em: <https://goo.gl/2uLbTF>.

² Em vídeo do canal YouTube, uma compilação de charges, fotos e montagens intitulada Michel Dracula Temer: https://www.youtube.com/watch?v=HAsE57_i8M8.

perdas de direitos trabalhistas. Os panelaços promovidos pela elite e apoiados pela imprensa conservadora e por instituições empresariais como o FIESP, esta última associada ao mote “Eu não vou pagar o pato”, também foram alvo de crítica no desfile. Nesse liame, a imagem de maior impacto foi, sem dúvida, a alegoria “Vampiro Neoliberal” (Figura 3). Constrangendo a imprensa governista e os conservadores, o carro trazia um homem fantasiado de vampiro, vestindo uma faixa presidencial, numa transculturação do mito vampiresco somado à referência concreta ao líder político que simboliza todo o vilipêndio que vive a democracia no Brasil desde o golpe de 2016. O samba da Tuiuti construiu – por meio de uma convergência metafórica – uma figura-síntese para o debate em torno da permanência da desigualdade social e da miséria como construções cultivadas pelo poder político da elite financeira do Brasil.



Figura 2 – Michel Temer em foto que remonta a tradição dos vampiros. Fonte: Site *Sensacionalista*.



Figura 3 – O vampiro neoliberal com sua faixa presidencial. Foto: Marcos Serra Lima/G1.

A atualidade do texto de “Seminário dos ratos” parece estar na sua potência em avivar a metáfora pela ironia do discurso narrativo em contato com a imaginação do leitor. O

trânsito que as imagens de Lygia Fagundes proporcionaram abre caminho para as associações entre o referente histórico de 1977 e a situação contemporânea. A transculturação das figuras dos ratos e dos vampiros permite relacionar ficções e realidades que tocam o mesmo âmbito: o poder estruturado e legitimado pela exploração do outro, cuja tragédia reside na impossibilidade de reação ou mudança. Assim verificamos o estado da democracia brasileira, que poucas vezes parece não ter vivido em crise:

Se observarmos a história nos últimos dois séculos, o que predomina é o Estado de exceção. Na verdade, a democracia é que foi excepcional. Não diria que a forma democrática se esgotou, mas, pelo contrário, que ela é um peso grande para o Estado, para as classes dominantes e para o capital financeiro. A democracia atrapalha, ela não facilita o trabalho da política capitalista. Por isso a tendência a reduzir o espaço democrático, tomar medidas de exceção e até mesmo usar o método do golpe, como estamos vendo na América Latina. O golpe no Brasil não é o primeiro. Já tivemos golpes em Honduras e no Paraguai, e possivelmente teremos outro na Venezuela. Isso mostra que a democracia já não está mais sendo útil, que ela está atrapalhando a implantação das políticas neoliberais (Löwy, 2016).

O discurso ideológico legalista da elite neoliberal que realmente detém o poder já tem consciência de que a democracia acaba confundindo os reais interesses dessa classe “superior” e, para não perder privilégios, trabalha incessantemente para legitimar o lugar a que cada um pertence nesse jogo de interesses. Diante de tal tensão, é preciso manter os miseráveis sempre em condição de miséria, tratando-os como ratos, muito embora a covardia dessa ação é que revela quem são os verdadeiros usurpadores.

A reunião de ratos no conto de Lygia Fagundes Telles nos remeteu metaforicamente aos vampiros da política contemporânea. Se no conto de 1977 há um lapso de esperança na debandada dos verdadeiros ratos acostumados ao luxo produzido pelo trabalho dos explorados, o regime neoliberal contemporâneo não deixa muito espaço para prerrogativas de futuro:

É preciso avaliar o que nos trouxe a um país em que o presidente não é eleito; os direitos sociais se retraem em queda livre; as liberdades associativas dissolvem-se sob balas de borracha, vigilância e prisões ilegais; os índices e a seletividade do encarceramento e do extermínio já não conseguem disfarçar o genocídio da juventude negra; os teocratas avançam com uma agenda que cerceia o simples emprego da categoria gênero; a política fiscal conforma uma máquina poderosa de subtração dos frutos do extenuante trabalho de pobres em favor do nababesco e improdutivo deleite dos rentistas e; nada, além da vontade, parece racionalmente autorizar alguma dose de otimismo quanto ao porvir (Tavares, 2018).

As consequências ideológicas que resultam da política social implementadas pelo governo anterior são massacrantes. O acirramento das posições políticas se tornou uma via de conflitos por vezes violenta, abrindo margem para posturas que beiram o fascismo e tornam impossível o debate. É também acerca disso o que lemos em Lygia Fagundes Telles, sobre a impossibilidade da ação política quando mascarada por uma ideologia farsesca que visa a manter a desigualdade e a miséria. Deliberando sobre seu próprio tempo, “Seminário dos ratos” termina por apontar para os perigosos caminhos das políticas irresponsáveis e egoístas do momento presente.

Referências

- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos (2010). *Dicionário analógico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- CHAUÍ, Marilena (2014). *Contra a servidão voluntária*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- HERZOG, Werner (1979). *Nosferatu: o vampiro da noite*. Alemanha/França. Terror. Distribuição: Versátil, cor, 107 min.

- LÖWY, Michael (2016). O Estado de exceção predomina: a democracia é que foi excepcional. Entrevista especial com Michael Löwy. *Blog da Boitempo*, São Paulo, 30 mai. Disponível em: <https://goo.gl/aTqCCT>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- MACHADO, Dyonelio (2004). *Os ratos*. São Paulo: Ática.
- MIGUEL, Luis Felipe (2018). *Dominação e resistência: desafios para uma política emancipatória*. São Paulo: Boitempo.
- MUYLAERT, Anna (2015). *Que horas ela volta?* Brasil. Drama. Distribuição: Pandora filmes, cor, 112 min.
- ORWELL, George (2001). *A revolução dos bichos*. São Paulo: Globo.
- PAES, José Paulo. (1998). Ao encontro dos desencontros. In: IMS - INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 5: Lygia Fagundes Telles. São Paulo: IMS.
- SOUZA, Jessé (2017). *A elite do atraso*. Rio de Janeiro: Leya.
- STOKER, Bram (2003). *Drácula*. São Paulo: Nova Cultural.
- TELLES, Lygia Fagundes (1998). *Seminário dos ratos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- TAVARES, Franck (2018). Harmonias bonitas: para além das ruínas de uma esquerda em construção. *Blog do DEMODÊ - Grupo de pesquisa sobre Democracia e Desigualdades*, Brasília, 23 jan. Disponível em: <https://goo.gl/mHN6hj>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- VEXAME. Temer leva embaixadores pra comer em churrascaria que não serve carne brasileira (2017). *Revista Fórum*, Santos, 19 ago. On-line. Disponível em: <https://goo.gl/kw61W3>. Acesso em: 10 mar. 2018.